

# ESPINOSA



No século XVI, os numerosos judeus que viviam na Espanha foram objeto de constantes perseguições. Convertidos à força em cristãos, continuaram sendo suspeitos aos olhos da Inquisição, e incessantemente temiam por sua vida. Em princípios do século XVII, os Países Baixos lhe ofereceram refúgio, pois haviam recobrado a liberdade através da luta contra os espanhóis, e praticavam a religião protestante. Ali os judeus voltaram às suas antigas crenças e viveram em conformidade com as leis do Talmud. De uma destas famílias de emigrados nasceu, em 1632, Baruch d'Espinosa, em Amsterdã.

Estudou na academia israelita de Amsterdã, onde aprendeu hebraico, leu a Bíblia e o Talmud, e aguçou seu talento na interpretação de seus textos. Demonstrando muita inteligência, consagrou-se à teologia judaica, e, como não tinha vocação para comerciante, seus compatriotas viram nele a futura coluna sustentadora da Sinagoga. Porém estas esperanças dos rabinos se frustraram quando Espinosa se dedicou ao estudo do racionalismo.

Não se conhecem detalhes acerca de como essas inquietações se desenvolveram no espírito de Espinosa, só sabemos que muito cedo manifestou desejo de estudar as novas correntes científicas. Para isso, era indispensável o conhecimento do latim, que continuava sendo a língua dos sábios, o que o fez tornar-se aluno de Francisco van den Ende, médico e livre-pensador que, além de ensinar-lhe as línguas clássicas, iniciou-o no pensamento cartesiano.

A nova educação e as próprias convicções alhearam Espinosa de seus companheiros de religião. Nunca pretendeu ser um agitador, porém, com o decorrer do tempo, viu que era impossível acomodar sua vida aos estreitos cânones da ortodoxia judaica. Ao morrer seu pai, em 1654, pôde desenvolver-se com maior desembaraço: deixou de visitar a Sinagoga e de praticar os jejuns, e travou estreitas relações com cristãos. O choque surgiria fatalmente. A princípio os judeus guardaram silêncio, pois temiam que o proceder de um homem de quem tanto haviam esperado pudesse ter imitadores. Quiseram retê-lo com dádivas, e se lhe prometeu uma pensão anual se, pelo menos em aparência, permanecesse fiel à religião judaica. Quando Espinosa rechaçou essa indigna proposta, foi perseguido e renegado. Seu cunhado e sua irmã quiseram excluí-lo da herança paterna, porém, recorrido ao tribunal holandês, ganhou o pleito; no entanto, depois disso cedeu a seus irmãos por sua própria vontade a herança, reservando-se tão-só uma cama.

Em 1656, os rabinos lançam sobre ele a excomunhão maior e o expulsam da comunidade. A fórmula da excomunhão, que datava dos primeiros tempos da Idade Média, era terrível. Eis aqui algumas de suas mais importantes imprecisações:

"Por decisão angélica e expressão manifesta dos santos; com a aprovação de Deus e de toda esta Comunidade, excomungamos, expulsamos, anatematizamos e maldizemos a Baruch d'Espinosa . . . Maldito seja no dia e na noite; maldito seja ao deitar e ao levantar; maldito em sua saída e maldito em sua entrada! Que jamais Deus lhe perdoe! . . . Mandamos que ninguém trate com ele por palavra ou por escrito; que ninguém, lhe preste socorro nem favor algum; que ninguém esteja com ele sob o mesmo teto nem se lhe aproxime a quatro va-

ras de distância; que ninguém leia uma obra composta ou escrita por ele!"

A excomunhão significava para Espinosa a separação de todos os seus companheiros de juventude; ao que parece, desde então nenhum judeu manteve contato com ele. Não contentes com isto, os rabinos quiseram persegui-lo também como cidadão, e conseguiram expulsá-lo de Amsterdam, apresentando-o ante os protestantes como homem perigoso para a religião. Graças à tolerância das autoridades civis, pôde residir tranqüilamente numa aldeia distante poucas milhas daquela cidade.

Espinosa teve de acomodar-se às novas condições de sua vida; estava resolvido a não fazer nada contra suas convicções e a evitar, até onde possível, todo conflito ou luta com os que o rodeavam. Não abraçou nunca o cristianismo, porque apesar do altíssimo respeito que nutria pela moral de Cristo, não admitiu jamais os dogmas da igreja cristã. Esteve em estreita relação com algumas seitas que só eram toleradas na Holanda, comunidades que em sua essência aceitavam o Cristianismo para a reforma moral de sua vida, porém em relação aos dogmas deixavam seus membros em absoluta liberdade.

Como carecia de recursos e não podia obter cargo algum nem dedicar-se ao ensino, teve de apelar para o trabalho manual para ganhar o sustento. Aproveitou seus conhecimentos científicos e se dedicou a preparar cristais para lentes de telescópios, dos quais havia naquela época grande demanda em consequência dos descobrimentos astronômicos, sendo, em troca, muito poucos os que sabiam fabricá-los.

O tempo que o seu trabalho lhe deixava livre, dedicava-o ao estudo. Em princípio viveu com simplicidade e modéstia numa aldeia próxima a Amsterdam, depois em Leiden, perto de Haya, e por último nesta cidade. Espinosa tomou parte ativa nas questões que agitaram seus contemporâneos. A liberdade religiosa da Holanda, país que havia dado hospitalidade a seus pais, e que a ele havia proporcionado um refúgio seguro contra todas as preocupações, estava seriamente ameaçada: os calvinistas, que por razões políticas tinham-se filiado à casa dos Orange, tratavam de impor o domínio de sua Igreja. Espinosa interveio nestas contendas com a publicação (1670) de seu "Tratado Teológico-político", que, como o próprio nome indica, ocupa-se das relações entre a teologia e a política, entre a Igreja e o Estado, e no qual sustenta a superioridade deste e combate a influência política do clero; ao mesmo tempo nega a origem divina da Bíblia, fazendo uma crítica histórica do Antigo Testamento, para o qual estava capacitado pela formação judaica de sua juventude. O audaz escrito alcançou grande ressonância, e era tanta a indignação provocada com sua publicação,

quanto o desejo de lê-lo. Apareceram numerosas réplicas, e o autor teve de sofrer as consequências de sua ousadia. Seus amigos pessoais o abandonaram, e a perseguição ameaçava alcançar por igual a obra e o autor. A proteção de Jan de Wit, diretor naquela ocasião da política holandesa, livrou-o de um sério perigo. Entretanto, começava a oscilar a posição de Jan de Wit, que havia descuidado da organização do exército terrestre, preocupando-se somente da armada, debilitando assim a resistência holandesa contra a invasão das tropas de Luís XIV. A indignação popular, sustentada pelo clero, culminou em 1672 com o terrível assassinato de Jan de Wit e de seu irmão. O filósofo, de tão pacífico temperamento, revoltou-se contra aquele crime vergonhoso e quis expressar seu protesto colocando nos muros de sua casa uma placa, na qual dizia que os habitantes de Haya eram os maiores bárbaros do mundo. Indubitavelmente pereceria vítima da ira popular se o dono da casa não lhe tivesse ocultado, impedindo a agressão.

Isto explica porque Espinosa não publicara, sob seu nome, mais que uma exposição da filosofia de Descartes, o qual escreveu para um discípulo seu que não era capaz de receber a exposição de suas próprias idéias e doutrinas. Este livro valeu o chamado da Universidade de Heidelberg, que, em carta dirigida a Espinosa, lhe assegurava a liberdade de ensino, porém com a condição de que não diria nada contra a Igreja. Espinosa sabia que não tardariam em surgir novos conflitos, e com a claridade e calma que punha sempre em seus assuntos pessoais, não quis aceitar tão honroso chamado. Continuou, pois, seu sistema de vida; porém o duplo esforço, intelectual e físico, de seu trabalho, e o pó de cristal que se produzia com o polimento, prejudicou sua delicada saúde, levando-o a contrair uma afecção pulmonar que lhe causou morte prematura, com a idade de 45 anos.

Seus amigos publicaram, pouco depois, suas obras, entre as quais figuravam a principal, a que Espinosa havia posto o título de "Ética", ou "Teoria ou Doutrina da moral ou da vida justa".

Espinosa era de temperamento profundamente religioso, que aspirava à união íntima com Deus, e para alcançar isso servia-se do entendimento. Sua condição de homem religioso e ao mesmo tempo pensador impediu-lhe aceitar o credo de alguma ordem religiosa; isto se explica devido a que a submissão e o acomodamento exteriores são mais fáceis para temperamentos de pensamento menos claro ou de sentido religioso mais débil que o seu. Se quisermos compreender a filosofia de Espinosa, convém relacionar estas aspirações, profundamente arraigadas na alma do filósofo, encaminhas a fundamentar uma vida moral e religiosa por meio do pensamento.

## O PENSAMENTO DE ESPINOSA

Deus é o ser absolutamente perfeito, conteúdo e resumo de todo ser; nada há fora dele e, por conseguinte, é o único a que se pode chamar substância. Da natureza e conceito desta substância única, infinita, que tudo abarca, procede, com necessidade matemática, todo ser e todo não-ser. Para Espinosa, a criação do Universo não é nem pode ser um ato livre que Deus pudesse deixar de realizar à sua vontade; Deus é a unidade do mesmo Universo; e constitui um atributo essencial e necessário da divindade o manifestar-se neste Universo. Todo o individual e distinto só é real quando participa da divindade. A idéia da individualidade baseia-se numa limitação e, portanto, numa negação: nós (individualidade) somos homens unicamente (limitação) porque não somos animais, plantas ou pedras (negação); podemos escolher uma determinada profissão enquanto renunciamos a todas as demais possibilidades de preocupar-nos com o sustento. Esta conclusão nos permite compreender o princípio mediante o qual Espinosa pretende derivar da unidade da natureza divina a especialidade individual dos distintos seres; toda concreção ou determinação é uma negação.

Todas as coisas distintas, corpos ou almas, não são senão uma conseqüência necessária e outras tantas limitações de uma natureza divina, verdadeiramente ativa e eficiente; e esta é de tal índole, que se emana e manifesta em formas infinitamente variadas. Espinosa designa com o nome de atributos a esses desdobramentos ou modos de manifestar-se a divindade, cada um dos quais independente de todos os demais e ilimitado em seu gênero. Dos infinitos atributos da divindade, só dois nos são acessíveis: a extensão ou o mundo corpóreo, e o pensamento ou o mundo do espírito. Ambos são totalmente independentes um do outro; porém, como os dois pertencem à mesma unidade divina, que tudo abarca, um e outro estão regidos pela mesma ordem regular. Nem nosso pensamento, nem nossa vontade movem nosso braço; porém este obedece a nossa unidade com Deus pelo fato de que, quando queremos mover o braço, no mesmo instante se produz, pela lei de necessidade do fenômeno físico, um movimento cerebral, que é causa do movimento do braço. Um pensamento não pode ser jamais a causa de um movimento, nem vice-versa; porém, como os pensamentos e os movimentos procedem da mesma necessidade divina, a conexão das coisas corpóreas é idêntica ao enlace e ao trabalho dos pensamentos.

Daí se deduz também que a toda coisa corpórea corresponde um ser animico. Nossa alma não é já uma verdadeira substância, mas uma parte da ordem divina do mundo espiritual, que corresponde a uma determinada

parte da ordem divina do mundo corpóreo, ou seja, ao nosso corpo. Se é certo para nosso corpo, deve sê-lo também para os demais corpos. Espinosa não se vê impelido a negar que os animais tenham alma, porque estes não constituem uma exceção no mundo concebido pelo filósofo; antes, inclui as coisas aparentemente inanimadas que devem ter algo espiritual. Para Espinosa, nós mesmos pertencemos ou formamos parte de uma ordem necessária que nossa vontade não pode alterar um mínimo sequer. Segundo esta ordem, é absurdo pensar que o homem possa influir de algum modo no mundo corpóreo. Na natureza não há fins, nem conveniência ou adaptação a esses fins, senão causas e ações necessárias destas causas, e a mesma necessidade impera também na esfera espiritual. Todo ato de nossa alma procede, com matemática necessidade, da maneira de desenvolver-se a divindade, ou é um atributo do pensamento, da mesma maneira que a queda de uma pedra lançada ao ar procede do atributo da extensão. Daí que o filósofo deva contemplar os sofrimentos humanos com a calma fria e racional com que contempla as figuras geométricas, ou melhor, sem amor ou temor, porque também procedem necessariamente de Deus e devem ser compreendidos nesta necessidade.

Claro é que num mundo tão lógico e severamente uniforme e ordenado não cabe a liberdade da vontade. Nossas ações e pensamentos são tão necessariamente determinados pela correlação divinamente natural, quanto o movimento giratório da Terra ou a queda da pedra. Os homens se enganam quando acreditam que são livres; e o motivo desta opinião é que têm consciência de suas ações, porém ignoram as causas que as determinam; por conseguinte, o que constitui a própria idéia de liberdade é o fato de desconhecermos a causa de suas ações. Dizem que as ações humanas dependem da vontade, mas isto constitui uma frase sem sentido, porque todos ignoram o que é a vontade e como a vontade pode mover o corpo.

Assim, um menino acredita que o seu apetite é livre, quando tem vontade de beber leite, do mesmo modo um encolerizado quando pretende vingar-se, ou um covarde ao fugir. Um homem em estado de embriaguez acredita dizer muita coisa, que a livre vontade da Alma nesse estado lhe dita, e que fora dessa situação ele jamais diria; igualmente o que delira, o charlarão, a criança, e um grande número de pessoas de semelhante espécie, acreditam falar porque o livre mando da alma assim o quer, não podendo, portanto, conter o impulso que os leva a falar.

A experiência mostra, pois, que a razão em que os homens se fundam para se julgarem livres, está na consciência das suas ações e na ignorância das causas que as determinam; além do mais, os decretos da alma não são mais

que os próprios apetites e variam, por consequência, seguindo a disposição variável do corpo. Na verdade, os que acreditam que falam ou silenciam, ou que realizam uma ação qualquer através da vontade da alma, sonham com os olhos abertos.

Esta doutrina é útil em quatro aspectos: 1) porque nos ensina que agimos unicamente pelo gosto de Deus e que participamos da natureza divina; 2) porque nos ensina como devemos comportar-nos quanto aos êxitos da fortuna: esperar e suportar, com a mesma disposição, uma e outra face da sorte, uma vez que todas as coisas derivam de Deus; 3) porque nos ensina a não odiar, nem depreciar ninguém, a não enganar, ou sentir cólera por alguém, ou ainda não invejar aos demais. Ensina cada um a se contentar com o que tem e a ajudar o próximo, não por piedade, por parcialidade ou superstição, mas por convicção racional, pelo governo da razão, segundo exigem as situações; e 4) ensina, também, a condição pela qual as pessoas devem ser governadas e dirigidas, para que cheguem livremente ao melhor, e não para serem escravas.

Quanto ao mal e ao bem, não indicam nada de positivo ou negativo nas coisas. São apenas modos de pensar ou noções que formamos, porque comparamos as coisas entre si. Uma mesma coisa pode ser, ao mesmo tempo, boa e má, e também indiferente; por exemplo, a música é boa para o melancólico, má para o aflito, mas para o surdo não é boa nem má. Entendemos por bom aquilo que sabemos, com certeza, que é um meio de nos aproximar cada vez mais do modelo da natureza humana tal qual a concebemos. Pelo contrário, entendemos que é mau aquilo que sabemos, com certeza, que nos impede de reproduzir um modelo.

Com respeito à virtude, o seu princípio é o próprio esforço para conservar o seu ser (divino) e a felicidade consiste no fato de o homem poder conservar o seu ser; a virtude deve ser desejada por si mesma, e não existe coisa alguma mais valiosa que ela; ou que nos seja mais útil. Quanto mais nos esforçamos em procurar o que é útil, ou seja, conservar o nosso ser, e quanto maior for o nosso poder em conseguir isto, mais dotados estamos de virtude; ao contrário, à medida que não conservamos o que é útil, o nosso ser, vamos ficando impotentes.

Não se dá coisa alguma singular na Natureza mais útil ao homem, que um homem viver sob o governo da razão, porque o mais útil para o homem é o que se acha mais de acordo com a sua natureza. O homem, portanto, age absolutamente pelas leis de sua natureza, quando vive sob o governo da razão, e somente nesta medida concorda sempre, necessariamente, com a natureza do outro homem; não há, pois, nada entre as coisas singulares mais útil ao homem que um outro homem. Assim,

quando os homens vivem dirigidos pela razão concordam mais em natureza; e, por conseguinte, quanto mais procura cada um o que lhe é útil, mais úteis são os homens uns para com os outros.

Agir por virtude é agir sob o governo da razão, e tudo aquilo para o qual nos esforçamos, dirigidos pela razão, chama-se conhecimento; assim, o bem supremo dos que seguem a virtude é conhecer Deus, ou melhor, um bem comum a todos os homens, que pode ser possuído igualmente por todos, enquanto são da mesma natureza. O bem que se deseja para si mesmo, que se segue de virtudes, é também desejado para os outros homens, tanto mais quanto maior seja o conhecimento que se tenha adquirido a respeito de Deus.

Chama-se moralidade ao desejo de fazer bem, que se origina disto que nós chamamos o governo da razão. Quanto ao desejo que tem um homem de unir-se aos outros, através dos laços da amizade, chama-se honradez; honrados os que aplaudem os homens que vivem dirigidos pela razão, e vis os que se opõem ao estabelecimento de amizade. Percebe-se facilmente a diferença que existe entre a impotência e a verdadeira virtude, pois, enquanto esta última resulta apenas em agir sob o governo da razão, a impotência consiste unicamente em que o homem se deixe passivamente conduzir pelas coisas exteriores, que lhe determinam a fazer o que pede a constituição do mundo exterior e não o que exige a sua própria natureza considerada em si mesma.

É útil, também, antes de tudo aperfeiçoarmos o entendimento ou a razão, enquanto isso seja possível. A felicidade suprema ou a beatitude do homem, consiste apenas nisto, porque a beatitude não é outra coisa que o contentamento interior que nasce do conhecimento intuitivo de Deus; aperfeiçoar o entendimento não é outra coisa são conhecer Deus e os atributos de Deus, com as ações que daí se derivam pela necessidade da natureza. Por isto o fim último do homem, conduzido pela razão, ou seja, o desejo supremo com o qual ele pretende dirigir todos os outros desejos, é que o leva a conceber adequadamente todas as coisas que podem ser para ele objeto de claro conhecimento. Pois as coisas são boas somente na medida em que ajudam o homem a desfrutar a vida da alma, que justamente é definida pelo conhecimento claro; dizemos que são más unicamente aquelas coisas que, pelo contrário, impedem o homem de aperfeiçoar a Razão e desfrutar a vida de acordo com ela.

Vê-se, com facilidade, em que difere um homem conduzido apenas pela emoção e aquele outro que é dirigido pela razão. O primeiro, queira ou não, não sabe de modo algum o que faz; o segundo não faz mais senão agradar a si mesmo, ou, ainda, faz somente aquilo que sabe, que está colocado em primeiro lugar den-

tro da vida, e que é o que ele deseja mais por esta mesma razão. Chama-se, em conseqüência, servo o primeiro, e livre o segundo. Um homem livre não pensa em coisa alguma, nem na morte; sua sabedoria é uma meditação, não em torno da morte, mas em torno da vida.

A verdadeira liberdade do homem relaciona-se com a firmeza da alma. E o homem de alma forte considera, antes de mais nada, que tudo se deriva da necessidade da Natureza divina e que, por conseguinte, se em sua opinião alguma coisa é considerada como insuportável e má, imoral, digna de horror, baixa ou injusta, é porque julga as coisas de uma maneira desordenada, incompleta e confusa; por este motivo, esforça-se antes de tudo em concebê-las como são em realidade e em afastar os obstáculos que se opõem ao conhecimento verdadeiro, tais como o ódio, a cólera, a inveja, a ironia, o orgulho e tantos outros semelhantes; portanto esforça-se, no possível, em fazer o bem e manter-se feliz.

Concluindo, o ignorante, além de ser agitado de muitas maneiras em face das causas exteriores, não possui nunca o verdadeiro contentamento interior; está numa inconstância quase completa em relação a si mesmo, a Deus e às coisas, e tão logo cessa de sofrer, também cessa de ser.

Ao contrário, o sábio, considerado como tal, não conhece a perturbação interior, senão que tem, por causa de certa necessidade eterna, consciência de si mesmo, de Deus, das coisas, e assim jamais cessa de ser, porque possui o verdadeiro contentamento. Entretanto, se o caminho que conduz até aqui parece difícil, nem por isso devemos deixar de percorrê-lo. Certamente, tem de ser difícil o que é encontrado com tão pouca freqüência. Se a salvação estivesse em nossas mãos, se pudéssemos consegui-la sem grande esforço, é possível que a desdenhássemos, como fazem quase todos. Tudo o que é belo, é também difícil e raro.



## O Sistema de memória da abelha

As abelhas possuem um sistema memorizador surpreendentemente sofisticado que as capacita a viajar em busca de alimento em dias nublados, de acordo com dois biólogos de Princeton.

Já é fato conhecido há muito tempo que as abelhas vaculadoras usam o Sol como um ponto de referência para sua orientação de vôo. Elas também informam uma às outras a direção onde está o alimento mediante uma dança complicada, baseada na posição do Sol e do alimento. Mas como podem elas executar essa dança em dias nublados, quando não podem ver o Sol?

Existem três possibilidades principais, segundo Fred C. Dyer e James L. Gould, em artigo publicado na revista Science. As abelhas podem ver os raios ultravioletas do Sol através das nuvens. Ou podem empregar um compasso magnético tal como o usado pelos pombos-correio em dias enevoados. Ou então, elas podem recordar a posição do Sol assumida em dias anteriores.

Para testar tais possibilidades, os dois biólogos idearam uma experiência de duas etapas. Primeiramente, eles colocaram uma colméia e um suprimento de alimento ao longo de uma fileira de árvores e fizeram as abelhas se acostumarem a seguir as árvores para obterem seu alimento.

Então, eles deslocaram a colméia para um outro lugar junto com dois suprimentos de comida — um na mesma direção periférica como a do suprimento anterior, e o outro numa direção diferente, mas ao longo da mesma linha de árvores.

Em dias ensolarados e no novo local, todas as abelhas incorporaram a posição direcional correta do Sol em suas danças, mesmo se confiassem em acompanhar a fileira de árvores para encontrar seu alimento. Mas em dias nublados, as abelhas acompanhavam a fileira de árvores e embora executassem a sua dança, esta não era a correta para a sua nova posição, conquanto o fosse para a localização anterior. As abelhas, aparentemente, estavam confiando na sua lembrança do rumo anterior do Sol e não podiam determinar a posição do astro diretamente.

O sistema de orientação das abelhas produtoras de mel, concluem os biólogos, é sofisticado bastante para conservar a memória do tempo e ter a noção do movimento do Sol durante o dia. (Extraído do Jornal do Brasil-27.12.81)



LUCY BLUMENTAL

### Bibliografia

1. Zweig, Arnold — "O Pensamento Vivo de Espinosa"  
Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1955
2. Cohn, Jonas — "Los Grandes Pensadores"  
Editorial Labor, S.A., Barcelona, 1935